

spfc

inside

Ano 1, nº 1,
Out-Nov 2014
R\$ 15,00

Kaká

O cidadão do mundo
está em casa

Muricy
Ramalho

A personalidade
forte do Morumbi



Restaurante by Koji



O restaurante by Koji, localizada no Estádio do Morumbi, oferece um ambiente de excelência em atendimento e um tradicional posicionamento japonês. Com cozinha especializada segue a regra de 40 ingredientes selecionados em cinco países, e uma programação com espetáculos únicos em dias de jogos e shows que proporcionam um show incrível e uma noite de entretenimento e um serviço excelente. Durante a semana, além da opção de almoço, a casa oferece a entrega exclusiva de **BY KUCHI** e no fim de semana um menu de almoço e jantar de primeira qualidade, além que durante todo o ano realizamos eventos exclusivos, e by Koji leva toda a qualidade do restaurante até você.

Alta gastronomia japonesa no Estádio do Morumbi



www.bykojirestaurants.com.br

Terça a sexta: 12h às 15h / 19h às 22h / Sábado: 12h às 15h / 19h às 20h
Domingos: 12h às 15h / 19h às 22h. Praça Roberto Gomes Pedrosa, 1
Portão 4 - Morumbi - tel: 11 3094-7710.

Caro são-paulino,

Chegou a hora de o São Paulo retomar sua trajetória vitoriosa e modernizadora. Estamos desenvolvendo projetos para um futuro de resultados consistentes e sustentáveis para o São Paulo Futebol Clube, dentro dos pilares da boa gestão e da competência em todos os âmbitos de atuação. Entendemos que a combinação de propostas simples, efetivas e inovadoras, aliadas à transparência que marcam o nosso tempo, potencializarão os resultados esportivos, financeiros e patrimoniais do clube, dentro do alto patamar que a tradição são-paulina estabelece.

Dentro desses parâmetros, estamos realizando mudanças na área administrativa, com a profissionalização de todos os departamentos. Contratamos uma instituição de alta credibilidade para diagnóstico, avaliação e implementação de novo modelo de gestão. E já criamos novas diretorias, como a Feminina, a Comercial, a Ouvidoria e o Meio Ambiente. Vamos trabalhar com plano de metas e elaborar um programa de responsabilidade social, cidadania e sustentabilidade.

A modernização do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, também será uma prioridade a ser submetida ao Conselho, do qual faço parte desde 1970. Nosso estádio sempre foi um dos mais modernos do Brasil desde a sua inauguração e não podemos ficar para trás diante dos novos estádios construídos na cidade. O São Paulo merece um estádio de ponta, com instalações mais modernas e cobertura. Sem isso, podemos perder receitas importantes com a promoção de eventos. Dentro desse processo de modernização, que será a marca da minha gestão, promoveremos a construção de um edifício garagem, oferecendo mais de 2 mil vagas, além das já existentes, Arena Multiuso climatizada para 28 mil lugares e um hotel.

No Centro de Formação de Atletas “Presidente Laudo Natel”, em Cotia, vamos integrar a estrutura profissional com a da base, um movimento fundamental para a manutenção e a revelação de atletas. Com gestão eficiente, vamos transformar essa área numa fonte efetiva de talentos e receitas para o clube.

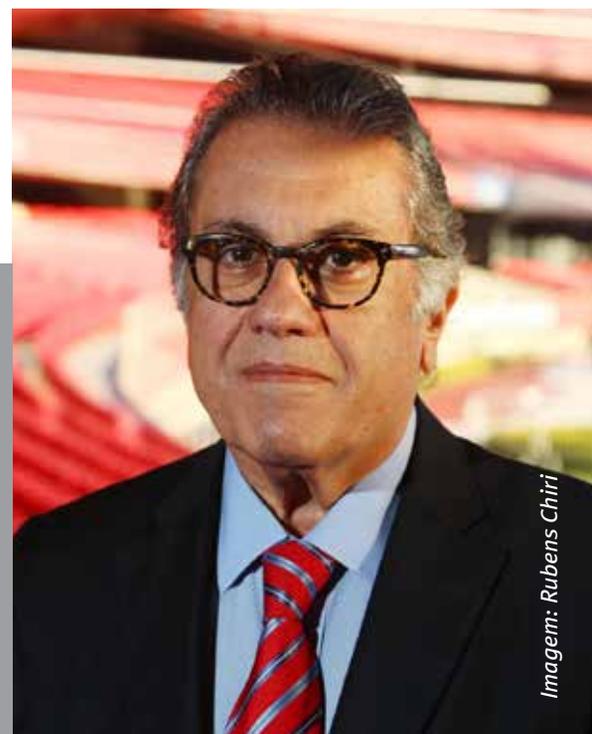
Tricolores, fiquem certos de que vamos reconquistar a liderança do futebol brasileiro e retomar o caminho de conquistas.

E é com imenso prazer que entregamos esta primeira edição da SPFC Inside, uma revista para informar o torcedor são-paulino, os formadores de opinião e os simpatizantes do futebol sobre tudo o que acontece no universo tricolor. Além da versão impressa, distribuída mensalmente nos camarotes e aos Sócios-torcedores Premium, a revista estará disponível na internet em versão digital, com ainda mais fotos, vídeos exclusivos, músicas e muito mais.

Espero que todos apreciem a leitura e mandem comentários e sugestões para fazermos da SPFC Inside um grande sucesso.

Boa leitura!

Carlos Miguel C. Aidar





Peça também pelo site: habibs.com.br

Fominhas, entrem para o nosso time.





estilo

6



reffis

16



concept hall

30

vestiários 52





tricolor

38



coletiva

42



hall da fama

58

A revista SPFC Inside é uma publicação bimestral desenvolvida pela Áurea Editora Ltda. com autorização do São Paulo Futebol Clube. A SPFC Inside não se responsabiliza por ideias e conceitos emitidos em artigos ou matérias assinadas que expressam apenas o pensamento dos autores, não representando necessariamente a opinião da direção da editora. A revista se reserva o direito de resumir cartas e artigos, quando for necessário.

EXPEDIENTE SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE | Presidente: Carlos Miguel Aidar. **Vice-presidente de Comunicação e Marketing:** Júlio Casares. **Diretor de Comunicação:** Douglas Schwartzmann. **Assessores de Imprensa:** Juca Pacheco e Felipe Espíndola. **Gerente de Comunicação:** Marcos Roberto Buemerad. **Supervisora:** Cinthia Savino. **Assistentes:** Cinthia Cotait, Erico Leonan, Igor Amorim, Paula Reina e Renata Lutfi. **Historiador:** Michael Serra. **Audiovisual:** Afonso Pastore e Wilson Ribeiro.

EXPEDIENTE ÁUREA EDITORA | Reportagens: Fernando Gavini e Paulo Kehdi. **Revisão:** Agência Entre Aspas. **Editor:** Dirceu Pereira Jr. **Projeto Gráfico, Diagramação e Programação:** Marcos Monte Raso e Bruno Vleira Matos. **Webmaster Site:** Hnet Soluções em Internet. **Contato Comercial:** Dirceu Pereira Jr. (dirceu@aureaeditora.com.br). **Imagem de Capa:** Rubens Chiri. **Áurea Editora Ltda** – Rua Áurea, 315 – Vila Mariana – São Paulo/SP – Tel./Fax: (11) 2614-0599 – www.aureaeditora.com.br



K

estilo

SPFC

SPFC

Kaká

o cidadão do mundo está em casa

Por Fernando Gavini

O período é curto, mas o craque aproveita a volta ao Tricolor para curtir São Paulo com a família e ainda ser a referência do time dentro de campo.

O irmão mais novo, Digão, não conseguia falar Ricardo. Para chamar o mais velho, repetia “Cacá, Cacá, Cacá”. Foi assim que o menino começou a ser chamado pelo apelido pelo qual ficaria mundialmente famoso (em 2001, seu apelido passou a ser escrito Kaká). Na mesma época, dava seus primeiros passos no futebol. Aos oito anos, começou a jogar no São Paulo. Com 19, virou profissional. Aos 21, se mandou para a Europa. Fez história na Seleção Brasileira, viveu em Madrid e Milão, perdeu as contas de quantos países visitou, foi campeão por onde passou e eleito o melhor do mundo em 2007. O garoto nascido em Gama, cidade-satélite do Distrito Federal, virou cidadão do mundo. E 11 anos depois de iniciar sua jornada pelo planeta, está de volta ao Morumbi.

“Eu saí daqui com 21 anos, solteiro, só falava português. Tinha acabado de começar a jogar como profissional. Já tinha conquistado a Copa do Mundo de 2002, mas ainda não tinha me firmado na Seleção. Nesse período, joguei em dois dos maiores clubes do mundo (Milan e Real Madrid), aprendi outras línguas, me casei, tive dois filhos. Tudo isso aumentou minha bagagem, minha experiência, minha maturidade. O mais legal foi que cresci muito, tanto profissional como pessoalmente”, tenta explicar Kaká sobre o que mudou na vida dele desde que deixou o Morumbi em 2003.

O fato é que Kaká conquistou uma legião de fãs ao longo da carreira. É admirado por torcedores de todos os continentes, tanto é verdade que tem mais de 30 milhões de seguidores no Facebook, que o coloca entre os 5 atletas mais populares do mundo. Reflexo dessa popularidade foram as 30 mil pessoas no Morumbi para acompanhar a apresentação do craque como novo reforço do Tricolor em plena Copa do Mundo.

Kaká ao lado dos filhos Luca e Isabela, da esposa Carol Celico e do presidente do São Paulo Carlos Miguel Aida



“Me sinto um pouco cidadão do mundo mesmo pelo número de fãs que tanto o Milan quanto o Real Madrid têm ao redor do planeta. Recebo mensagens da Ásia, da Indonésia, da Tailândia, de lugares que nunca fui, nunca visitei, mas vejo que as pessoas têm o maior carinho por mim”, conta Kaká, que tenta, na medida do possível, não só responder a todas as mensagens, mas também atender aos pedidos de fotos e autógrafos. “Eu procuro tratar todo mundo bem porque me coloco no lugar das pessoas. Um dia eu também fui torcedor e corria atrás de Raí, do Cafu, do Muller, do Palhinha, do próprio Rogério Ceni, do Zetti... Não custa nada”, acredita.

Desde que foi contratado pela primeira vez pelo Milan, Kaká não ficava tanto tempo em São Paulo. A cidade tinha se transformado em um lugar para passar férias, mas, de uma hora para outra, voltou a ser a casa do jogador e de sua família.



“A parte social de São Paulo é muito bacana. Todo dia tem alguma coisa, um evento, um amigo que chama para um almoço, para um jantar. Voltar a ter esses relacionamentos de amizade e a frequentar os lugares que eu frequentava está sendo demais”, se empolga Kaká, que não teve a mesma experiência nas cidades onde morou. “Era diferente. Tanto em Madrid quanto em Milão, mesmo sendo cidades importantes da Europa, não têm tanta atividade. Eu acho que o brasileiro é mais aberto para amizade. A parte familiar é bem parecida. Mas eles são mais fechados e é difícil alguém abrir a casa ou chamar para uma visita”, conta.

Mesmo com toda a fama conquistada e sendo um dos principais ídolos do São Paulo, Kaká tem aproveitado a cidade. Costuma ir a restaurantes, shoppings e parques com a esposa Caroline Celico e os filhos. O assédio não o incomoda. “Eu era um pouco caxias com isso. Não gostava muito de sair porque era muito tímido. Mas amadureci e hoje saio numa boa. Quando vou a um restaurante, passo uns dez, 15 minutos tirando foto, dando autógrafo, mas depois a minha presença se torna normal naquele ambiente. No começo é ‘ah, o Kaká chegou’, depois é ‘Kaká está ali’ ou ‘Kaká vem aí sempre’, sabe? Já vira uma coisa mais comum, de rotina. Só evito lugar em que pode haver tumulto tanto por mim quanto pelas pessoas, mas eu procuro fazer de tudo.”

Mas o período de Kaká vivendo em São Paulo vai ser curto. O jogador foi negociado pelo Milan com o Orlando City, dos Estados Unidos, que ano que vem estreia na Major League Soccer (MLS), a liga profissional americana. O empréstimo ao Tricolor por seis meses foi um pedido do craque, que assinou contrato de três anos e meio com a equipe da Flórida.

“Quando acertei com o Orlando, eles me propuseram algumas coisas, inclusive ficar no Milan até dezembro, mas eu preferi vir para o São Paulo. Como tinha esse período de seis meses até ir para os Estados Unidos, falei para o meu pai (Bosco Leite, que também é empresário de Kaká) para conversar com a diretoria do clube e para fazer de tudo para fechar. A partir daí começaram as negociações. Pesou todo o contexto. Voltar para o Brasil, para a cidade onde fui criado, onde estão meus pais, meu irmão, minha sobrinha. Todo o contexto fez com que a escolha final fosse voltar para o São Paulo.”

Em janeiro, Kaká embarca para o novo desafio da carreira. Enquanto isso, o torcedor são-paulino curte cada jogada, cada assistência, cada gol marcado pelo jogador que nasceu no Morumbi e ganhou o mundo. Quando terminar o contrato com o Orlando City, ele terá 36 anos. Difícil dizer hoje se será possível um dia voltar para encerrar a carreira no Tricolor. Mas o fato é que, independente do que aconteça, o coração do cidadão do mundo continuará batendo em vermelho, branco e preto.

“Nunca cortei o cordão umbilical com o São Paulo. Pelas amizades que tenho no clube, pelos diretores, conselheiros, jogadores que passaram aqui, pela minha história de sócio no clube também. Isso é para a vida toda. Essa relação com o São Paulo é para sempre”, acredita. Por isso, o sonho de se despedir no fim do ano levantando um troféu. “Pô! Estou sonhando com o título brasileiro. Seria demais!”

Depois de assinar com o Orlando City, Kaká podia ter ficado no Milan por mais seis meses, mas o jogador preferiu voltar para o São Paulo





Imagem: arquivo pessoal

PAI CORUJA APRENDE A BRINCAR COM MENINA E SE DIVERTE COM FILHO “CORNETEIRO”

Uma das principais mudanças na vida de Kaká entre a saída do São Paulo em 2003 e a volta em 2014 foi o fato de ter se tornado pai. Luca, de seis anos, e Isabela, de três, encantam o ídolo tricolor todos os dias.

“Eu procuro estar o tempo inteiro com eles, brincando. É claro que eu tenho a função de educador, de ensinar, mas o que eu aprendo com eles é uma coisa absurda. É muito legal ver uma personalidade se formando, de ver uma ideia diferente. Cada dia é uma surpresa”, diz Kaká, pai coruja assumido.



Imagem: arquivo pessoal

Apesar da correria da vida de jogador profissional, Kaká procura ficar o maior tempo possível com a família e com os filhos

O camisa 8 do São Paulo conta que Luca está cada vez mais apaixonado por futebol, tanto que fez questão de levá-lo para assistir ao jogo Brasil x Croácia na abertura da Copa do Mundo na Arena Corinthians. “Para mim foi demais. Particpei de três Copas e essa foi a primeira desde que me tornei profissional que fiquei de fora. Como o Brasil era sede, não poderia perder a oportunidade de levar ele. Ele curtiu muito a Copa. Agora está com umas histórias de cards, colecionando e tal. Então fico brincando com ele com esses cards. Eu saio, compro, troco”.

Mais fácil brincar com o menino do que com Isabela, mas Kaká já está se acostumando. “Eu tenho que me virar. Não é normal, né? Nunca brinquei com menina. Então agora tenho que brincar de boneca, ficar como a princesa, tenho que aprender a virar o príncipe encantado”, se diverte.

Com Luca, a relação é diferente. O garoto está virando quase que um parceiro do pai e participando muito da sua vida. “Ele quer saber com quem eu estou concentrado no quarto, quer saber com quem eu estou no ônibus. Às vezes ele me liga: ‘Pai, onde você está?’. ‘O pai está no ônibus, filho. Quem está aí do seu lado’ (risos).”

O interesse do pequeno Luca chega ao ponto de cometer o técnico Muricy Ramalho. “Uma coisa muito engraçada foi quando a gente jogou contra o Goiás (primeiro jogo de Kaká em sua volta ao São Paulo). Ele falou ‘papai, quanto foi o jogo?’, eu falei ‘a gente perdeu filho, 2 a 1, papai fez um gol e tal...’. Mas ele gosta de saber o time que estava jogando, quem entrou. Aí eu falei qual tinha sido o time e que entre as alterações o Lucão tinha entrado no lugar do Ademílson. Na hora ele falou: ‘Mas por que ele tirou um atacante e colocou um zagueiro?’ (risos)... Só consegui responder que explicaria direito para ele quando chegasse em casa. Ele faz muitas perguntas. Está muito interessante”, conta empolgado.

Kaká revela que antes de decidir se transferir para o São Paulo consultou especialistas em educação e psicólogos para saber se as mudanças poderiam ser negativas para as crianças, já que a família vai ficar só seis meses no Brasil antes de se mudar para os Estados Unidos.

“Queríamos saber se eles sofreriam algum trauma no sentido de ficar tímido, de não querer se relacionar com as outras crianças. Mas nos disseram que essa é uma preocupação mais dos pais, que as crianças se adaptam muito rápido, são muito novos e fazem amizade rápido também porque eles ainda não têm um vínculo muito forte. Mesmo assim, a gente sempre conversa com eles, explicando o que eu faço,

procura ir nas escolas, explicar que muitas vezes temos necessidade de horários diferentes, ter flexibilidade e tudo o mais. A gente está se adaptando bem”, explica.

Tanto Luca quanto Isabela estão matriculados numa escola internacional para facilitar a mudança para os Estados Unidos. Mas o fato de estarem vivendo no Brasil e de já terem feito amizade no colégio fez com que Kaká percebesse diferenças nos filhos.

“Antes o vocabulário que eles sabiam de português era muito o meu e o da minha esposa. O Luca falou espanhol e italiano, e usava essas línguas para falar com os amigos. Agora eles estão entrando num vocabulário um pouco de escola mesmo, de rua. Então, eu vejo o Luca com seis anos falando umas coisas que eu não acredito e que eu não imaginava que ele pudesse falar”, diverte-se.



O Morumbi como você nunca viu.



imagem: ePlay Videos

O Cícero Pompeu de Toledo é o maior estádio particular de futebol do Brasil. Além de cenário de campeonatos nacionais e internacionais de futebol, o Morumbi já foi palco de shows de consagrados artistas como Paul McCartney, Queen, U2, Madonna, Michael Jackson, AC/DC, entre outros. São-Paulino: faça um passeio guiado pela história e infra-estrutura do estádio do seu clube de coração. Conheça o Morumbi de uma maneira como você nunca viu.



Praça Roberto Gomes Pedrosa, 1
Morumbi, São Paulo, 05653 070, Brasil

Telefone: 55 11 3739-5222

E-mail: atendimento@morumbitour.com.br



EM 2015, KAKÁ SERÁ UMA DAS ESTRELAS DA MLS

Depois dos seis meses de São Paulo, Kaká vai defender o Orlando City. Jogador assinou contrato por três anos e meio com o time da MLS

Depois dos seis meses de São Paulo, Kaká embarca em janeiro para os Estados Unidos. Vai defender o Orlando City, clube que estreia em março na Major League Soccer, a liga profissional americana.

“Eu declarei que gostaria de jogar na liga americana e essa oportunidade veio com esse projeto do Orlando”, revela Kaká, que vai jogar no clube que tem como proprietário o empresário brasileiro Flávio Augusto da Silva, responsável direto pela contratação do jogador.

Kaká assinou com o Orlando City por três anos e meio e terá a experiência de morar em um quarto país diferente. “Eu estou muito empolgado com essa expectativa também porque morei em dois países da Europa, no Brasil e queria muito ter essa experiência de morar na América do Norte, de conhecer o país, uma cultura diferente”, conta.

O jogador não acredita que terá problemas para se adaptar aos Estados Unidos, mas sabe que vai ter que estudar um pouco para ficar fluente no idioma. “Eu falo português, italiano, espanhol e inglês. Mas, de todas, o inglês ainda não é o melhor. Só quebra um galho. Tenho que pegar firme. Orlando tem muito brasileiro. Vou precisar de umas aulas, ver bastante filme e televisão. Acho que essas coisas ajudam.”

Kaká será mais uma das estrelas internacionais a experimentar a MLS. David Beckham defendeu o Los Angeles Galaxy de 2007 até o final de 2012. Thierry Henry brilha no New York Red Bull desde 2010. Para 2015, além do brasileiro, David Villa e Frank Lampard, ambos contratados pelo New York City, vão estreiar na liga americana.

C A M A R O T E



ESTÁDIO DO MORUMBI

O lugar ideal no MORUMBI para eventos, jogos e shows



Camarote Stadium
Praça Roberto Gomes Pedrosa, 01 Estádio do Morumbi - Portão 17
+11 2387 3575 atendimento@camarotestadium.com.br





Imagem: Erico Leonan

Do Reffis para

Descartado pelo Internacional após ser reprovado em exame médico, Douglas chegou ao São Paulo quase de graça. Jogador se recuperou no Reffis e três anos depois gerou milhões ao Tricolor ao ser negociado com o Barcelona.

Por Fernando Gavini

“**C**horava direto porque doía muito até para fazer algumas coisas dentro de casa. Quando eu estava no Goiás, passou várias vezes na minha cabeça que eu não ia mais conseguir jogar futebol.” As palavras são de Douglas, recentemente negociado pelo São Paulo para o Barcelona, para descrever o drama que passou pouco antes de chegar ao Tricolor em fevereiro de 2012. O lateral-direito sofria de uma grave lesão no púbis e no mês anterior teve cancelada a transferência para o Internacional após ter sido reprovado no exame médico. O jogador chegou ao Morumbi quase a custo zero, foi tratado no Reffis, se recuperou e pouco mais de dois anos depois de ser contratado rendeu milhões ao clube em uma transferência para o mercado europeu.



“O Inter não quis ficar com ele porque achava que o caso era de cirurgia, mas ele veio para cá, o médico José Sanchez avaliou e achou que tinha como recuperar sem a necessidade de operar, fazendo um trabalho conservador”, lembra o fisioterapeuta Ricardo Sasaki, que está no clube desde 1995. “Com pubalgia nós temos muita experiência. Desde 1997 ou 1998 não se opera jogador de púbis aqui no São Paulo. A gente sabe que pode ser um trabalho demorado, de 8 a 12 semanas, mas sabemos que tem seu efeito e o resultado é bom.”

Esquerda: Desacreditado quando chegou ao São Paulo, Douglas se recuperou no Reffis de grave lesão no púbis e defendeu o clube por dois anos e meio
Abaixo: Reffis não é referência apenas pelos equipamentos de última geração, mas pelos profissionais que trabalham no departamento como os fisioterapeutas Carlos Alberto Presinoti e Cilmara Moretti

Douglas é a prova do que Sasaki está falando. A estreia demorou quase três meses. O lateral jogou pela primeira vez em 2 de maio na derrota por 1 a 0 para a Ponte Preta pelas oitavas-de-final da Copa do Brasil, mas nunca mais sentiu o problema e jogou 132 partidas com a camisa tricolor.

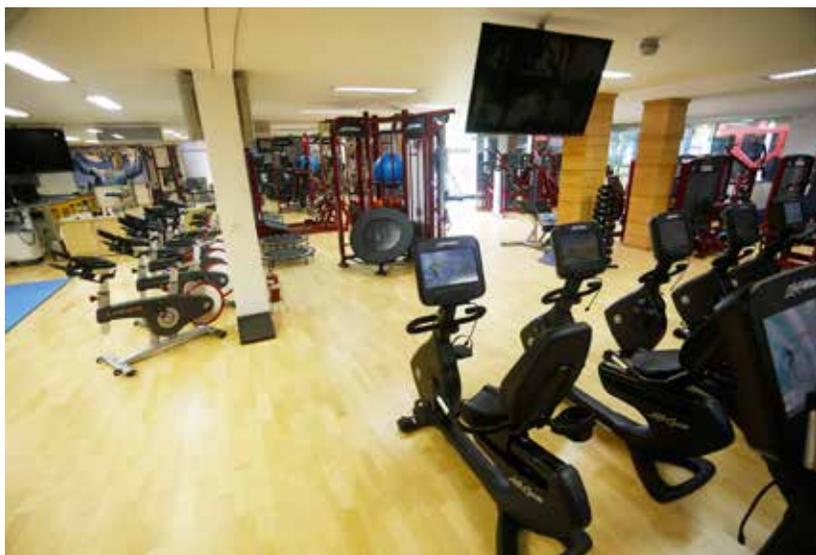
Barcelona



“Os três primeiros meses foram complicados. Fazia muito reforço muscular porque é uma lesão muito chata. Se você não cuidar, não fortalecer, ela volta. Mas depois desse período não fiz mais nada. Só mesmo o fortalecimento normal junto com os outros jogadores”, afirma Douglas. “Sou muito grato ao São Paulo pela oportunidade que me deu. Muito grato a todos que trabalham no Reffis. Quando cheguei, eu tinha medo de não poder voltar porque minha pubalgia era muito forte”, lembra o jogador.

O caso de Douglas mostra o quanto o investimento em equipamentos de última geração do São Paulo dá resultado. A tecnologia de ponta, aliada a profissionais de primeira, fazem do Reffis uma referência em reabilitação de atletas e prevenção de lesões.





Jogadores não fazem apenas trabalho de reabilitação no Reffis. O departamento é utilizado pelos atletas para regeneração física no dia seguinte das partidas e também para prevenir lesões



Parcerias com Life Fitness, CVC Equipamentos e Dorsavi mantêm as instalações do Reffis com equipamentos de última geração. Última atualização aconteceu pouco antes da Copa do Mundo

“Nosso departamento tem seu nome. É uma tradição que o São Paulo tem e vem desde lá de trás: de investir e ser pioneiro nessa área. Por isso, existe uma confiança muito grande da diretoria em nosso trabalho”, agradece Sasaki.

Tanta confiança traz trabalhos desafiadores para os departamentos médico e de fisioterapia do São Paulo. Um caso emblemático é o de Paulo Henrique Ganso. Em setembro de 2012, o clube investiu pesado na contratação do camisa 10, que tinha brilhado no Santos dois anos antes, mas que vinha tendo a carreira comprometida por uma série de lesões.

“Obviamente que se o São Paulo faz uma proposta milionária por um jogador é porque confia na plenitude física dele. O nosso departamento médico vai se informar do que for necessário e qualquer tratamento também não será problema. Temos modernas instalações para recuperar qualquer jogador”, disse na época da contratação de Ganso o então vice-presidente de futebol, João Paulo de Jesus Lopes.

“Foi um caso muito desafiador. O Ganso vinha de uma sequência de cirurgias e o histórico dele não era bom. Esse é um caso que quando você recebe fica mais receoso de saber se vai conseguir resolver o problema do atleta ou não. Muita gente ficou com o pé atrás”, conta Sasaki.



A desconfiança aumentou por conta de uma entrevista do presidente do Santos, Luiz Álvaro Ribeiro, ao jornal O Estado de S. Paulo três dias depois de Ganso ter fechado com o São Paulo. “Vão ter que acompanhar com muito cuidado o jogador. Na minha opinião, o que ele tem é incurável”, disse o cartola santista.

Os problemas físicos do camisa 10 começaram em 2007. Ainda nas categorias de base do Santos, ele fez uma cirurgia para corrigir a ruptura do ligamento cruzado posterior do joelho direito e ficou seis meses afastado dos gramados. Em agosto de 2010, numa partida contra o Grêmio, Ganso sofreu a mesma lesão, mas no joelho esquerdo. A torção ocorrida no duelo contra os gaúchos também comprometeu parcialmente o menisco lateral. O jogador foi operado novamente e ficou sete meses longe da bola.

Depois que voltou, no entanto, Ganso não conseguiu ter sequência no Santos. Em 2011, teve duas graves lesões musculares e no fim de maio de 2012 passou por mais uma cirurgia: uma artroscopia no joelho direito.

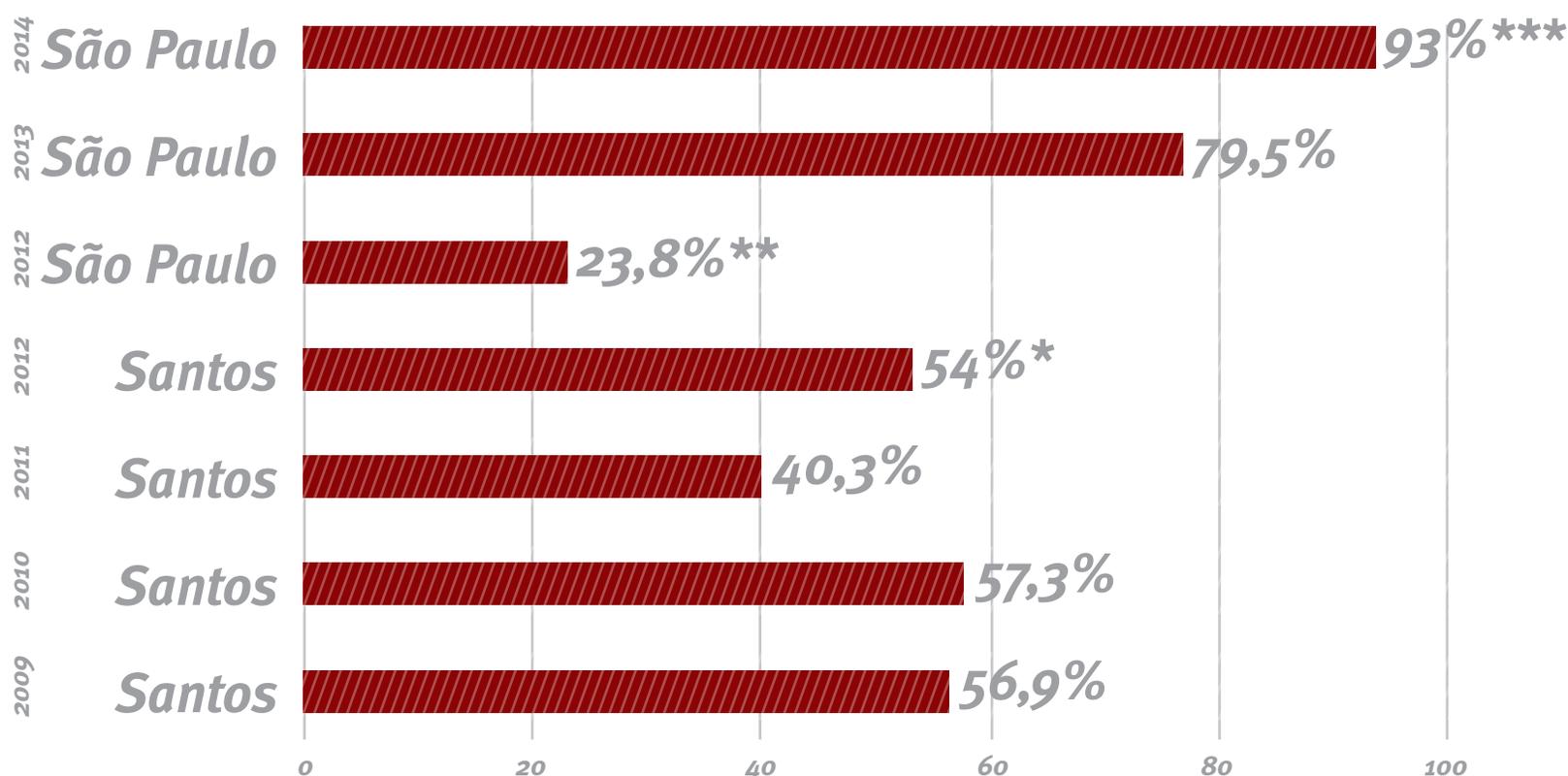
O risco existia, mas o São Paulo confiou no trabalho do Reffis e os resultados não demoraram para aparecer. “Foi um trabalho a longo prazo. O Ganso entendeu bem o modelo de trabalho aqui do clube. O departamento médico estipulou um tempo para a diretoria preparar o jogador, e depois, tirar o problema da melhor maneira possível para ele render dentro de campo”, lembra Sasaki.

Ganso estreou no São Paulo dois meses depois da sua contratação e jogou apenas cinco das 21 partidas disputadas pelo clube desde que ele trocou o Santos pelo Morumbi. Mas a partir de 2013, o meia passou a ter uma participação nos jogos do time que nunca tinha tido em toda a carreira.

Ano passado, Ganso esteve em campo em quase 80% dos jogos do São Paulo, atuou em 66 dos 83 disputados pela equipe. A porcentagem aumentou em 2014. Até o início de setembro, ele disputou 40 das 43 partidas do Tricolor, ou seja, 93% dos jogos. Para efeito de comparação (veja quadro abaixo), o ano em que o meia mais jogou pelo Santos foi em 2010, quando machucou o joelho esquerdo. Naquela temporada, ele fez 43 dos 75 jogos do Santos (57%).

Com todos os cuidados, Ganso não só tem jogado em quantidade, mas com qualidade. O jogador vive sua melhor fase desde que chegou ao São Paulo, assumindo o papel de protagonista em várias ocasiões. Seus gols e, principalmente, suas assistências têm sido fundamentais na boa campanha no Campeonato Brasileiro.

PH Ganso - participação de jogos por temporada



*Até 21 de setembro, quando foi negociado com o São Paulo. **A partir de 21 de setembro, quando foi contratado pelo São Paulo.

***Até o início de setembro.

Não é à toa que o Reffis se tornou referência. Quem já se tratou ali não esquece. Durante a entrevista para esta reportagem, Ricardo Sasaki recebeu uma ligação de Borges, ex-São Paulo, que se recupera de uma lesão no Cruzeiro. Atletas que atuam no exterior, vira e mexe, escolhem o CT tricolor para se reabilitar. A bola da vez é o zagueiro Felipe Santana, do Schalke 04, que chegou no começo do mês para cuidar de uma lesão muscular.

Mais do que colocar um jogador de volta para os gramados, o que enche os olhos de quem trabalha no Reffis é a gratidão de quem se recuperou de um problema que o impedia de exercer a profissão escolhida. Caso de Douglas, que mesmo em Barcelona, nunca vai esquecer o São Paulo. “Vou levar no meu coração. Vou torcer pelo São Paulo mesmo a distância. Fiz amigos aqui, pessoas que posso levar dentro da minha casa, que são como irmãos para mim.”



Jogador machucado trabalha mais do que quem está 100%

Na rotina do Reffis, quem está machucado sofre. Além de não poder jogar, trabalha muito mais do que quem está à disposição do treinador e sendo escalado para as partidas.

“Um atleta que está machucado é full-time, todos os dias, dois períodos, de manhã e de tarde. Só tem o domingo de folga. Quem está machucado tem que vir mais ao clube do que quem está jogando. Por isso, ninguém pode falar que jogador está fazendo corpo mole para querer ficar dentro do departamento médico. Isso é mentira, pelo menos dentro do São Paulo isso não acontece”, garante o fisioterapeuta Ricardo Sasaki.

Para cuidar dos atletas, a equipe do Reffis se divide em duas. Um médico e dois fisioterapeutas ficam de manhã. Outro médico e outros dois fisioterapeutas trabalham na parte da tarde. Mas o foco do departamento não é apenas reabilitar quem está machucado. O principal é tentar prevenir as lesões.

“Lesão muscular é hoje o que mais afeta os jogadores. Tem que focar nisso. Falar em prevenção é meio utópico porque o cara joga de quarta-feira e domingo, tem viagem, treino físico e treino tático. Então, o São Paulo seleciona de acordo com o departamento físico, a fisiologia e a parte técnica, alguns atletas para fazer reforço. É assim que tentamos nos prevenir. Os atletas escolhidos chegam antes do treino e fazem esse trabalho de reequilíbrio muscular”, explica Sasaki.

No São Paulo desde julho, Kaká é um dos atletas que tem recebido atenção especial do Reffis. “Quase todos os dias eu faço pelo menos uma hora de exercícios de prevenção. Chego antes, faço o trabalho e depois vou para o treino de campo com o Muricy”, conta.

O camisa 8 do Tricolor acredita que os cuidados que tem recebido do Reffis estão o ajudando a ter um bom desempenho em seu retorno ao clube. “Está ajudando muito. Desde que cheguei só tive uma lesão, mas foi por pancada, inevitável, no jogo contra o Goiás. Mas estou superbem, jogando, correndo e aguentando bem o ritmo dos jogos.”



Os fisioterapeutas Ricardo Sasaki e Alessandro Pereira da Silva



Kaká é um velho conhecido do Reffis. Apesar do departamento ter sido inaugurado seis meses depois dele ter se transferido para o Milan, o jogador já esteve algumas vezes no local para se tratar. “Quando eu operei em 2008, me tratei aqui. Em 2010, depois da Copa, uma parte do tratamento também foi aqui. Sempre nas minhas férias eu vinha fazer um controle de equilíbrio muscular para já iniciar a pré-temporada com uma ideia de como eu estava naquele momento”, revela o meia.

Por já ter cuidado de Kaká algumas vezes, Sasaki ficou surpreso com a forma apresentada pelo jogador em seu retorno ao São Paulo. “Ele sempre foi muito ligado ao clube e se tratou aqui várias vezes. Fez uma cirurgia no joelho e teve um problema no púbis, que o atrapalharam muito no Real Madrid. A gente sabia que ele podia ter as mesmas dificuldades daquela época, mas ele deu uma boa recuperada no Milan. Foi uma surpresa. Comparado com o que eu tinha visto na época do Real, ele voltou bem melhor”, explica Sasaki.



Parcerias mantêm Reffis como referência

O Núcleo de Reabilitação Esportiva Fisioterápica e Fisiológica (Reffis) do São Paulo completa em dezembro 11 anos de vida. Desde que foi inaugurado, o departamento virou referência e se mantém assim graças aos investimentos que são feitos todos os anos no setor. Os equipamentos de preparação física e de fisioterapia estão sempre atualizados e somam um valor total superior a R\$ 2 milhões.

“O ponto principal é saber quanto que a diretoria tem de dinheiro para investir. Eu não posso reclamar porque os equipamentos aqui são todos de primeira linha. Por isso, quando a diretoria traz um atleta que é difícil de reabilitar como no caso do Ganso, você tem que assumir”, afirma o fisioterapeuta Ricardo Sasaki.

Além dele, a equipe do Reffis conta com outros três fisioterapeutas: Carlos Alberto Presinoti, o Betinho, Alessandro Pereira da Silva e Cilmara Moreti, além dos médicos José Sanchez e Auro Rayel.



“A gente pode ter recursos e não saber usar. A experiência e as pessoas têm uma parcela forte. Se não tiver uma estrutura de acordo, fica mais difícil, tanto é que todos os clubes agora resolveram investir nesse setor”, assegura Sasaki.

Para manter o Reffis atualizado com tudo o que o mercado tem de melhor, o São Paulo fez parcerias. A primeira, em 2003, foi com a Life Fitness, que até hoje está com o clube.

Desde que chegou ao São Paulo, Kaká recebe tratamento especial no Reffis para prevenir as lesões que o atrapalharam nos últimos anos de Europa

“A Life Fitness estava entrando no Brasil e fez uma parceria com o São Paulo em 2003. Foi bom para as duas partes. O São Paulo teve o equipamento de ponta que queria por um custo muito bom. Foi a troca na parte de marketing e a Life Fitness se tornou referência como equipamento de musculação para futebol”, conta.

“No meio do ano, um pouco antes da Copa do Mundo, a Life Fitness trocou todo o nosso equipamento. Colocou tudo novo, de primeira linha, inclusive um equipamento que é tendência no mercado para fazer exercício funcional. O São Paulo é o primeiro clube a ter esse tipo de equipamento”, se vangloria Sasaki.

Na parte de fisioterapia, a parceria é com a CVC Equipamentos, que representa no Brasil a Chattanooga, maior fabricante mundial de equipamentos para reabilitação. Por conta da viagem no meio do ano do São Paulo para os Estados Unidos, a empresa montou um mini-Reffis dentro do hotel em que o Tricolor ficou hospedado.

“Teríamos muita dificuldade para levar nossos equipamentos de avião para a temporada que fizemos no meio do ano nos Estados Unidos. Eles foram muito elegantes e montaram toda a parte de eletroterapia no hotel para que a gente pudesse usar nos 15 dias em que ficamos no país”, conta Sasaki.

A última novidade no Reffis é a parceria com a Dorsavi, uma empresa australiana. “Estávamos tentando fechar com eles desde o começo do ano, mas só deu certo agora.” O equipamento serve para medir se o atleta tem algum tipo de desequilíbrio muscular. “Só o São Paulo tem. Trouxeram para testarmos e achamos que valia a pena ter aqui no Reffis.”

Antes do equipamento da Dorsavi, só era possível fazer esse tipo de teste dentro de um laboratório de análise de movimento em uma sala fechada. “Você coloca duas plaquinhas na perna do atleta, manda ele botar a chuteira e correr no campo. Os movimentos do jogador nos trazem dados que mostram o quanto de peso ele joga em cada perna quando corre e quando salta. Nos dá uma medida mais fina, mais minuciosa.”





O equipamento foi testado em Paulo Henrique Ganso. “A olho nu achávamos que ele estava legal. Mas descobrimos pelos testes que ele jogava menos peso na perna esquerda, que foi a que ele operou”, revela Sasaki.

A informação foi passada para o preparador físico Zé Mário, que a partir dela passou a fazer trabalhos específicos para corrigir o problema durante os exercícios. “Só de conversar e do atleta saber desse problema já é uma grande coisa. Mas tem que reeducar o movimento. E é isso que o preparador físico pode fazer com um trabalho de coordenação”, afirma Sasaki, ressaltando a importância da descoberta no trabalho de prevenção de lesões que é feito no camisa 10 do Tricolor.

Esquerda acima: Maicon e Kaká fazem exercícios funcionais no Reffis
Esquerda: Os médicos Auro Rayel e José Sanchez
Acima: Carlos Alberto Presinoti alonga jogador do São Paulo no Reffis

concept hall



INICIATIVA INÉDITA



O Estádio do Morumbi é o primeiro no mundo a ter um estúdio de gravação em seu interior, oferecendo aos sócios mais uma fantástica oportunidade de lazer e entretenimento

Por Paulo Kehdi

Quando uma ideia revolucionária encontra apoio e amparo de outras pessoas, o resultado final só pode ser para lá de satisfatório. E foi isso o que aconteceu no São Paulo Futebol Clube que, desde o início de 2014, oferece aos sócios um estúdio de música, o AudioArena, dentro do Morumbi, localizado na área dos camarotes. Uma iniciativa inédita e revolucionária, sem paralelo no mundo! Essa história teve início quando dois sócios do São Paulo, tricolores fanáticos, resolveram unir duas paixões: música e futebol. Daniel Chafon, baixista, vice-presidente de mídia da agência Loducca e atual presidente do Grupo de Mídia de São Paulo, e Luiz Fernando Vieira, guitarrista e vice-presidente da agência África, buscavam algo diferente no universo musical e encontraram no São Paulo Futebol Clube o parceiro ideal.



“Tanto eu como o Daniel somos apaixonados por música. Nós, que vivemos o mercado, sabemos que hoje em dia tudo está muito padronizado, desejávamos buscar um algo a mais, um diferencial mesmo. Queríamos construir um estúdio de gravação profissional em algum lugar inusitado. Nas primeiras incursões pela cidade visitamos prédios, hotéis, mas nada nos agradava por completo. Foi então que, em uma das minhas muitas vindas ao Morumbi, observei que a área dos novos camarotes abria a possibilidade de implantação do estúdio. Procurei o departamento de marketing do SPFC, que foi muito receptivo ao projeto, desde o início. Desenvolvemos as ideias em conjunto e o AudioArena virou realidade, um sonho realizado, estamos muito felizes com tudo. E não podia ser diferente, unimos duas paixões, a música e o futebol”, diz Vieira.



A felicidade de Daniel e Luiz Fernando justifica-se plenamente. O AudioArena é um dos mais bem equipados estúdios de gravação profissional do país, contando com equipamentos de primeira grandeza. Mesa de som, amplificadores, instrumentos musicais, tudo com o que há de mais moderno no mercado, estando pronto para receber artistas de peso, tanto do cenário nacional, como internacional. A construção do estúdio ficou a cargo da Pro Studios Designer, cujo dono, Carlos Dutweller, é considerado um mago da engenharia de som. Mas o grande diferencial para quem quiser usufruir do espaço é a sua localização: a vista para todo o campo do Morumbi, algo que ninguém mais pode oferecer!

FUTEBOL E MÚSICA

Porém, não são apenas os artistas profissionais que irão usufruir do espaço. Desde o início do projeto, a diretoria do São Paulo quis direcionar o estúdio para uso e divertimento do torcedor, uma vez que ele poderá locar o espaço como um camarote totalmente diferenciado em dias de shows e jogos ou então como local para eventos, tendo capacidade para receber até 130 pessoas. Nesse cenário, o AudioArena apresenta mais possibilidades e uma programação totalmente diferenciada nos dias de partidas do SPFC. Uma hora e meia antes dos jogos o clube oferece

um show com uma banda, ou seja, música de qualidade enquanto se espera outro show, o do tricolor dentro de campo. O espetáculo só para durante o jogo, para continuar por mais quarenta minutos depois do apito final. Além disso, os convidados terão à disposição um cardápio exclusivo, elaborado pela chef Vanessa Silva (Gastroarte), que reinventou versões clássicas de comidas de estádio de futebol, para uma versão gourmet, unindo sabor e criatividade.



Outro detalhe que chama a atenção é a decoração do lugar, totalmente tematizada, onde se destacam equipamentos antigos de som, cercados de muito conforto. O espaço também conta com um bar, *lounge*, camarim e cozinha profissional. E você? Está esperando o que para conhecer mais essa fantástica opção que o São Paulo oferece? Música e futebol juntos, para sempre!





*Apresentação da banda Soul Good no jogo São Paulo x Santos
<http://www.bandasoulgood.com.br/contato/>*

Para quem quiser conhecer ou locar o AudioArena, basta entrar em contato pelo e-mail oi@audioarena.com.br ou pelo telefone (11) 2894-5900. Também é possível checar outras informações e ter acesso aos eventos futuros no site <http://audioarena.com.br/#home>



Alta Gastronomia

no almoço e no jantar



Pratos preparados
pelos renomados chefs
Marcelo Pinheiro
e **Leo Roncon**.



Faça sua reserva:

11 2613 0890

11 2613 0860

E também:

Menu Executivo / Almoço

Pizza Delivery / Jantar

Eventos Corporativos



Portão 05

Estádio do Morumbi

Praça Roberto Gomes Pedrosa, 01

Estacionamento Gratuito

www.coparestaurante.com.br

[/restauranteopa](https://www.facebook.com/restauranteropa)

[@coparestaurante](https://twitter.com/coparestaurante)

TORCEDOR DA PESADA

Por Dirceu Pereira Jr.

Que o São Paulo tem marcas que o diferenciam dos demais clubes, isso ninguém pode negar. Afinal de contas, que outro time brasileiro pode dizer que é tricampeão do mundo! Nenhum! Se quiséssemos relatar outros fatos, poderíamos escrever um livro. Mas existe uma faceta curiosa, interessante até, que dificilmente é mencionada. Nenhum clube do Brasil tem a ligação com o Rock'n' Roll como o tricolor paulista. Em um universo dominado pelo samba e pelo pagode, dois dos maiores ídolos da nossa história são amantes do rock, Zetti e Rogério Ceni. Este último ainda escolheu a música Hells Bells, da banda australiana ACDC, para entrar em campo no dia de seu milésimo jogo pelo São Paulo e isso passou a ser o ritual em todos os jogos do tricolor de lá pra cá. Querem mais? Pois um dos torcedores ilustres deste time é Andreas Rudolf Kisser, 46 anos, guitarrista do Sepultura e de outras bandas, com trabalho conhecido e reconhecido no mundo todo.

Andreas começou a se interessar por música desde cedo, quando ouvia a mãe tocar acordeão e a avó, violão. O pai não era músico, mas adorava sertanejo e música clássica. “Cresci em um ambiente carregado de sons, incluindo canções folclóricas da Eslovênia, de onde vieram minha avó e minha mãe. Acho que por isso tenho um gosto eclético”, diz Kisser, que começou a tocar guitarra no colégio com amigos que tinham um gosto musical parecido com o dele. “Quando tive contatos com bandas como Kiss, Queen, Iron Maiden, Black Sabbath e Led Zeppelin, aí a paixão pegou de vez. Passei a adorar o estilo e a planejar uma carreira.”



Músico com carreira reconhecida internacionalmente, Andreas Kisser tem o São Paulo Futebol Clube no coração

O convite para participar do Sepultura veio em 1987, o que acabou motivando a ida de Andreas a Belo Horizonte (MG), já que os outros integrantes eram mineiros. Em 1989, teve início a carreira internacional da banda, que alcançou níveis fantásticos de popularidade que os acompanham até hoje. De lá para cá, Kisser diversificou ainda mais os seus trabalhos. Além do Sepultura, tocou com outros grupos e fundou duas bandas suas, uma com músicos latinos, chamada “De La Tierra” e outra com o filho Yohan, “Kisser Clan”, fora ter elaborado um disco solo duplo, Hubris I e II. Tem também um programa de rádio na 89 FM aos domingos, intitulado “Pegadas de Andreas Kisser”. Com tanta coisa junta, ele diz que a rotina é atribulada. “Trabalho muito, viajo demais, mas uma coisa que nunca vou deixar de fazer é acompanhar o São Paulo, esteja onde estiver.”

TRICOLOR DE NASCIMENTO

Kisser diz que nasceu tricolor. “Me lembro como se fosse hoje do meu primeiro jogo ao vivo. Era 1975, eu tinha 7 anos, meu pai me trouxe ao Morumbi, era contra o Santos, vencemos por 1 a 0, gol do Terto”, diz ele, que se intitula um “sortudo”. “Logo depois que virei fanático mesmo, começamos a ganhar tudo. O Campeonato Brasileiro de 1977, os títulos paulistas dos anos 1980, o Brasileiro de 86. E, claro, tudo complementado com o início dos anos 1990, onde ganhamos o bi da Libertadores e Mundial.” Entre os jogos marcantes, Andreas destaca dois: “Além da minha estreia

MAIS ANDREAS KISSER

Esposa – Patrícia (casados desde 1994) – “Uma companheira fantástica, mas como nem tudo é perfeito, ela é palmeirense, como toda a família dela (risos)”

Filhos – Giulia, Yohan e Enzo



(risos), destaco a final do Paulista de 81, com aquele gol fantástico do Serginho em cima da Ponte Preta, embaixo de muita chuva. E também a partida final contra o Newell's Old Boys (ARG), em que ganhamos a primeira Libertadores. Estava presente no estádio em ambos, foi muita emoção”.

Mesmo com viagens, shows internacionais aos montes, ele nunca deixou de acompanhar o São Paulo, muito pelo contrário. “Quando fui morar com meus companheiros de Sepultura em Phoenix (EUA), no início dos anos 1990, pedia para me mandarem fitas VHS dos jogos do tricolor. Via o jogo uma semana depois e, mesmo já sabendo o resultado, a emoção era incrível. O primeiro mundial, contra o Barcelona, vi assim, dias depois, com o São Paulo já sendo dono do mundo!”, fala Kissler batendo no peito.





Ele destaca o bom momento atual do São Paulo e a amizade com os jogadores, especialmente com Rogério Ceni e Kaká. “Acho que depois da avalanche de títulos entre 2005 e 2008 as coisas ficaram ruins, como se achássemos que nada mais precisava ser feito e o time caiu de produção, devido a uma série de fatores. Mas agora tudo parece no rumo certo novamente, estamos com um bom time, o Ganso voltando a jogar muita bola. A contratação do Kaká também é especial, assim como o ano de 2014, o último do nosso maior ídolo, o Rogério. Quem sabe ele não se despede com um título brasileiro. Ou, melhor, não adia a aposentadoria até a Libertadores do ano que vem. Aliás, eu tenho prazer de conhecê-lo, assim como o Kaká e outros jogadores. São todos gente boa, acessíveis, educados, só aumentam o meu orgulho de ser são-paulino.”



Sepultura – A banda foi criada em 1984 pelos irmãos Max e Igor Cavallera e é considerada a banda brasileira de maior repercussão no mundo. Andreas se juntou aos irmãos em 1987, quando do lançamento do álbum “Schizophrenia”. Atualmente, além de Andreas, o grupo conta com Derrick Green (vocal), Paulo Júnior (baixo) e Eloy Casagrande (bateria).

coletiva

A personalidade forte do Morumbi

Em entrevista exclusiva, Muricy Ramalho relembra toda a trajetória no Tricolor: do garoto cabeludo e rebelde ao aprendiz de Telê Santana, que virou um dos melhores técnicos do país

Por Fernando Gavini





PENALTY

Personalidade forte sempre foi a marca de Muricy Ramalho. Autêntico, gostava na juventude de Rita Lee. Sua roupa preferida era jardineira acompanhada de tamancos. Uma vasta cabeleira complementava o visual do garoto. Por causa dela, bateu de frente várias vezes com José Poy. O treinador o queria de cabelo curto, mas o jogador bateu o pé e ganhou a queda de braço.



A personalidade também foi o motivo de Muricy Ramalho ter sido escolhido por Telê Santana para ser seu aluno. O técnico bicampeão mundial queria trabalhar alguém para substituí-lo a altura quando ele se aposentasse. Mas a isquemia cerebral sofrida pelo mestre antecipou os planos. Muricy assumiu o lugar, mas não estava pronto. Ficou pouco tempo e foi substituído por Parreira. Voltou em seguida, mas logo foi demitido. Ao deixar o clube, mais uma vez mostrou personalidade. Disse que voltaria para fazer história. Não deu outra. O retorno aconteceu nove anos depois. A promessa foi mais do que cumprida. O treinador levou o São Paulo ao tricampeonato brasileiro. Depois de passar por Palmeiras, Fluminense e Santos, Muricy está de volta ao lugar de onde, se depender da vontade dele, só sai na aposentadoria. Chegou ano passado para salvar o Tricolor do rebaixamento e aos poucos vai colocando o clube novamente na rota dos títulos. Quem sabe levantar mais um caneco ainda em 2014.

SPFC Inside: O que o São Paulo representa para você?

Muricy Ramalho: Representa toda a minha vida, toda a minha história. Eu fui criado praticamente aqui, tive a minha infância toda aqui. A gente praticamente não tem infância, só joga, participa de um monte de viagens. Então, não tive infância assim de sair com os amigos. Eu ficava quase que o dia todo no São Paulo. Representa a minha vida, minha casa. Lá no clube eu conheço desde o porteiro até o presidente. É uma coisa muito antiga. São quase 50 anos. Sou sócio até hoje.

SPFC Inside: Por isso que você fala que se dependesse só da sua vontade você ficaria aqui no São Paulo a vida inteira?

Muricy Ramalho: Claro que sim, mas não depende só de mim. Depende dos caras (risos). Senão não teria saído daqui nunca. Acontece que existem as coisas profissionais, mas é praticamente a minha casa, volto a repetir.

SPFC Inside: Agora, como começou toda essa história? Como você veio parar no São Paulo? Quem te trouxe?

Muricy Ramalho: Eu tinha nove para dez anos e morava na Vila Sônia, assim como toda a minha família, meus tios... Antigamente a gente não tinha muita coisa para fazer como

Representa toda a minha vida, toda a minha história

hoje. Eu ficava na rua o tempo todo jogando bola, descalço. E um tio meu, o Roberto, que era sócio do São Paulo, me via todo dia jogando no campinho e falava: “Você joga bem. Por que não entra no São Paulo?”. Eu falei: “Nem sei tio como é que é isso”. E ele: “Não! Mas eu te levo. Vou falar com seu pai e com sua mãe e vou te levar e a gente compra um título para você”. Só respondi: “Você é que sabe. Eu gosto de jogar bola. Não quero saber de nada. Eu quero jogar, pô”. E foi esse meu tio Roberto que me levou. Comecei a frequentar o clube. Aí já era mais organizado porque tinha campeonato e eu comecei a gostar mesmo do negócio e não parei mais. Entrei como sócio e comecei a disputar campeonatos. Me levaram para o futebol de salão porque gostaram do jeito que eu jogava. Ainda não tinha idade para ir para o amador com o (José) Poy, então eu jogava todos os campeonatos do social. Mas naquela época os dirigentes já diziam que era só dar a idade que eles iam me levar para o Poy.

SPFC Inside: O Poy pegava muito no seu pé por causa do cabelo?

Muricy Ramalho: Tá louco! O Poy era muito chato. Pelo amor de Deus! Eu chegava no juvenil e ele falava: “Moleque você não vai treinar”. “Então não vou treinar”, eu respondia.

SPFC Inside: Por causa do cabelo?

Muricy Ramalho: É! Eu tinha uma personalidade forte. Eu tinha um cabelão, era muito cabeludo. Ele queria que eu cortasse e eu dizia que não ia cortar. Um dia ele falou que eu não ia mais treinar e eu fui embora. Fiquei uma semana em casa e daqui a pouco tocou a campanha. Eram os diretores

querendo me levar de volta. Eu reclamava: “Pô! O gringo lá só fala do meu cabelo e eu gosto dele assim”. Eles me pediram para cortar um pouquinho e eu tinha uma tia que era cabelereira. Eu chegava pra ela e falava: “Corta só um dedo, um dedo só. Não mais do que um dedo, hein?” (risos). Ela pegava a tesoura e cortava um dedinho só e eu chegava de volta no São Paulo com um baita cabelão (risos). O Poy ficava louco: “Me falaram que você ia cortar o cabelo!”. “Cortei ué! Olha só! Minha tia cortou um pouquinho ontem.” Não tinha jeito. Todo dia eu brigava com ele. Além do cabelo, eu usava uns tamancos. Teve um tempo que os Novos Baianos lançaram uns tamancos e eu usava: jardineira, tamanco e aquelas bolsas.

SPFC Inside: Você subiu para o profissional com 16 anos. Quem jogava no São Paulo nessa época?

Muricy Ramalho: Gérson, Pedro Rocha, Miradinha, Piau, Édson Cegonha, Arlindo... Todos esses caras famosos... Sérgio, Forlan, Gilberto Sorriso... As pessoas eram muito famosas e a gente os acompanhava de longe. Quando tinha jogo nosso eu ficava no saguão, rodando para lá e para cá para vê-los subindo no elevador porque antigamente os profissionais não tomavam banho lá embaixo no vestiário do Morumbi. Como não tinha tanto negócio de imprensa como tem hoje, eles pegavam o elevador e iam tomar banho lá em cima na concentração que havia no estádio. Eu ficava na boca do elevador só para ver os jogadores passarem ali ainda vestidos com a roupa de jogo. Para mim era a maior sensação. E logo depois o Brandão me viu jogando e me levou. Para mim, foi uma sensação enorme. De toda a concentração eu participava. Ficava com eles e ia buscar café para eles porque eles gostavam



de fumar e jogar baralho. Às vezes ficavam até tarde, duas, três horas da manhã, jogando baralho. A concentração lá no Morumbi é muito longe da cozinha. Tinha um corredor enorme. Era distante para chegar na cozinha, sabe? Era um frio do caramba, escuro e eles punham medo em mim, falando que ia aparecer um fantasma no meio do caminho. Eu reclamava e eles falavam “Vai lá moleque!”, me xingavam para caramba. E eu ia, buscava a garrafa de café e ficava lá sentado com eles. Passava o maior tempo possível com os profissionais. Treinava todo dia com eles e isso foi muito bom na minha formação porque quando eu comecei a jogar já não sentia tanto a responsabilidade. Estava acostumado com o ambiente porque estava todo dia com eles. Foi uma época ótima para mim. Não me importava com nada, só queria estar junto com eles, mesmo quando eu nem ficava no banco. Para mim foi ótimo.

SPFC Inside: O seu grande ano no São Paulo foi 1975, quando conquistou o Campeonato Paulista?

Muricy Ramalho: Meu grande ano foi 1975 e logo em seguida 1976. No começo de 1977 foi quando eu machuquei. Eu estava arrebentando e com certeza eu estaria na lista da Copa do Mundo de 1978 se não tivesse tido a lesão. O primeiro da posição era o Zico e eu era o segundo. Tinha também o Jorge Mendonça. Nós três que estávamos disputando, claro que o Zico era o titular. Eu estava no melhor da minha carreira e eu tive uma contusão séria. Arrebentei o (ligamento) cruzado e não pude ir para a Copa do Mundo.





SPFC Inside: Arrebentar o cruzado era muito sério naquela época. Hoje ainda é uma contusão complicada, mas a medicina evoluiu muito. Como foi a recuperação?

Muricy Ramalho: Eu fiquei mais de um ano sem jogar, fui engessado, os médicos ficaram com dúvida porque ninguém tinha uma operação. Eles pesquisaram e queriam me levar para os Estados Unidos. Ficaram meio perdidos porque ninguém queria me operar. Ninguém dava garantias de que eu poderia voltar a jogar. Tinham medo de pegar um jogador do São Paulo e não dar certo. Tinham medo de sujar a reputação. Até que apareceu um maluco, Bartolomeu Bartolomei, que fez um tipo de um enxerto e deu certo. Eu joguei mais alguns anos depois, mas não fui mais o mesmo.

SPFC Inside: Depois que você saiu do São Paulo para jogar no México, você só voltou para ser assistente do Telê Santana nos anos 90?

Muricy Ramalho: Não! Voltei antes para ser técnico do sub-11. Comecei na escolinha mesmo. Foi quando eu comecei a fazer cursos de técnico. É normalmente o primeiro estágio do treinador. Comecei com os pequenininhos e todo começo de ano eu ajudava o Márcio Araújo (então técnico do sub-20) na Copa São Paulo. Ia ver jogos de adversários futuros para ele e assim foi indo. Logo eu passei para o infantil e um dia o Márcio Araújo saiu e eu entrei no lugar dele direto sem



Já conhece a SPFCtv?

O canal oficial do Tricolor no Youtube traz diariamente vídeos exclusivos sobre o clube. A SPFCtv está entre os 15 maiores canais de clubes do mundo, e vem crescendo cada dia mais.

youtube.com/spfctv

São-Paulinos

Todo domingo, às 21h, no Premiere, o São-Paulinos traz entrevistas exclusivas, bastidores, treinos, matérias especiais e muitas curiosidades sobre o São Paulo. O programa oficial do Tricolor Paulista também é exibido antes de cada jogo do clube no pay-per-view, e tem duração de 26 minutos. Os episódios passados também podem ser assistidos no site oficial do clube:

saopaulofc.net/interativo/sao-paulinos



passar pelo juvenil. Fiquei pouco tempo porque logo surgiu o projeto do Telê e do São Paulo para formar um treinador para substituí-lo quando ele se aposentasse. Ele me escolheu para ser o auxiliar dele e para ser o aluno dele. Aí eu passei a trabalhar com os profissionais. Todo fim de ano, o Telê ia embora e tirava uns dois meses de férias porque ele estava cansado. Deixava tudo na minha mão e eu ficava assustado porque o São Paulo era bicampeão mundial e só tinha fera. Eu tinha personalidade, mas eu era muito novo. De vez em quando eu ligava para ele na Bahia (Telê tinha uma casa em Porto Seguro, onde costumava passar as férias). Falava: “Telê, tenho umas dúvidas. Tem o Leonardo, o Muller, o Palhinha... O que que eu vou fazer?”. Ele não queria saber: “Faz do jeito que você sabe. Coloca no banco quem você quiser. Não tem essa. Quem manda é o treinador, que é você!”. Ele era bravo para caramba. Mesmo assim eu ligava toda semana.

SPFC Inside: Aprendeu muito com ele, Muricy?

Muricy Ramalho: Aprendi muito. Ficava sempre do lado dele. Apesar de que o Telê não era muito de falar. Ele não gostava de conversar muito. Era um cara muito solitário. Vivia num quartinho no CT do São Paulo e não era de sair muito. Quando saía, ia numa churrascaria que tinha aqui atrás. Ia lá, comia e voltava. Eu ficava o tempo todo do lado dele, só observando ele falar e participava de tudo o que ele fazia. Ia ver jogos para ele, fazia relatórios, mas ele nem olhava direito. Aí tinha dia que queria conversar e ele que chegava, sabe? Eu estava sempre do lado dele, principalmente quando perdia. Quando perdia, os caras meio que o abandonavam. Uma vez fiquei com ele no Morumbi até tarde. Saímos de lá com tudo apagado. Foi um dia que xingaram muito o Telê. Ele ficava bravo: “Tá vendo como é que é?”. Queria mostrar o que me esperava. Ele desabafava: “São uns ingratos! Há quando tempo trabalho nesse clube? Já ganhei tudo aqui e esses caras não têm paciência”. E eu tentava acalmá-lo. Mas foi muito legal porque eu aprendi algumas coisas que eu ia enfrentar no futuro. O Telê era um cara difícil. Não era assim de se abrir, de falar.

SPFC Inside: O Telê tinha muita personalidade e escolheu para ser o aluno alguém que era do mesmo jeito?

Muricy Ramalho: É parecido mesmo. Acho que ele me escolheu por causa disso. Outros nomes foram comentados. Tinha até jogador de Seleção. Mas acho que ele me escolheu porque eu tinha o perfil. Para ser técnico, não basta o cara jogar bem. O cara tem que saber, tem que ter um caráter para isso. É difícil demais isso aqui. E ele sabia que eu tinha personalidade forte. Ele me escolheu e estava muito seguro de que eu ia ser treinador. Acho que ele soube escolher porque eu dei certo. Podia ter vindo outro no meu lugar e não ter dado certo.

SPFC Inside: Você considera que acabou assumindo o time antes da hora?

Muricy Ramalho: Pois é! O plano não deu assim tão certo porque a doença dele (isquemia cerebral) aconteceu de repente. Tive que assumir antes do tempo, antes de terminar essa preparação e não fui tão bem no comecinho. Era uma época em que o São Paulo estava numa transição. Teve aquele problema do Morumbi, que começou a balançar, e o clube teve que abrir mão de tudo para colocar o dinheiro todo lá para consertar o problema. Teve que abrir mão do time, então peguei uma época muito dura. Foi em 1995 que ele ficou doente. Não era para eu pegar o time nesse ano. A ideia era que isso acontecesse mais para frente. Esse problema que ele teve começou a dar de uma hora para outra. Ele começou a cair nos lugares. Eu acompanhei bem isso tudo e até o cobrei várias vezes quando ele aparecia machucado



QUERO VOCÊ APOIANDO
O TRICOLOR!
SEJA SÓCIO TORCEDOR

WWW.SOCIOTORCEDOR.COM.BR - 0800 0929305

demais. Ele ficava bravo comigo porque eu não tinha vergonha e perguntava o que tinha acontecido: “Telê, o que aconteceu nas costas do senhor? Por que está todo machucado?”. A resposta era sempre brava: “Fui pegar uma manga lá no meu sítio e cáí!”. Comecei a ficar de olho até que um dia eu falei com o doutor (médico José Sanchez) que o Telê aparecia toda vez machucado e que alguma coisa estava errada. Ao mesmo tempo começamos a perceber nas preleções que ele dava umas paradas, umas viajadas, no meio do que estava falando. Eu e o doutor queríamos levá-lo para fazer exames, mas o Telê não queria. Ele era muito bravo: “Tenho que fazer exame nada. Vocês não sabem nada! Não tem que se meter na minha vida!”. Mas aí o Sanchez pegou ele quase na marra e foi aí que constatou que ele já estava com o problema. Ele apagava, caía, mas pouco depois recuperava.

SPFC Inside: Depois da doença do Telê, você ficou pouco tempo como técnico e logo voltou a ser auxiliar quando o Parreira foi contratado. Foi isso?

Muricy Ramalho: Nessa época, o Atlético Paranaense estava montando o CT do Caju e o Petraglia (Mário Celso, presidente do clube) veio até aqui no jatinho dele particular para me contratar. Cheguei a conversar com a diretoria do São Paulo, mas o Parreira estava chegando depois de ter ficado muitos anos fora do país e conhecia poucos jogadores. A diretoria pediu para eu ficar para ajudá-lo e eu fiquei. Aproveitei para aprender com mais um cara, ainda mais o Parreira, que tinha sido campeão do mundo. Foi muito bom, mas o Parreira também não ficou muito tempo e eu subi de novo. Em 1997 eu subi para valer, mas não durei tanto também. Foi a primeira vez que eu deixei o clube.

SPFC Inside: Mas você saiu dizendo que ia voltar para fazer história e fez: foi tricampeão brasileiro.

Muricy Ramalho: Falei ali no estacionamento para os jornalistas: “Vou sair, vou aprender e vou voltar aqui ainda. Meu trabalho ainda não está terminado não”. E eu tinha muita confiança no que eu fazia. E foi verdade mesmo. Voltei nove anos depois e falei: “Agora é a minha chance”. Eu tenho umas coisas comigo. Eu tenho costume de conversar muito com a minha mulher. E algumas coisas que eu falo com ela acontecem. Eu falava para ela lá atrás quando eu estava na Portuguesa Santista, sei lá que time eu estava: “Eu vou para a Seleção Brasileira. Os caras estão peneirando e vai sobrar para quem é trabalhador, que faz as coisas corretas. Tenho certeza que eu vou para a Seleção. E vou voltar para o São Paulo e vou ganhar muitos títulos”. Tudo aconteceu. Fui campeão no São Paulo e fui convidado para a Seleção Brasileira. Não aceitei por outras coisas. Tem muitas coisas que eu penso e dão certo. Foi um sonho porque é meu clube de coração, a família é toda são-paulina, mas eu tive paciência de esperar o momento, de estudar bastante porque eu sabia que aqui não era fácil o negócio. Deu tudo certo.

SPFC Inside: Você às vezes fala que está cansado, que não vai durar mais muito tempo no futebol, mas você vive sem o futebol?

Muricy Ramalho: Eu não sei, mas um dia eu vou ter que ver isso na prática. Ano passado, quando eu saí do Santos, fiquei um tempo parado e fiz o que minha esposa sempre quis que eu fizesse: viajar. Eu não suporto viajar, mas disse que se fosse para uma praia eu iria. Ela me levou para Miami. Eu fui e adorei porque é um lugar maravilhoso. Consegui ficar uns três meses parado, viajando. Achei muito legal, mas senti falta do futebol e vi que parar mesmo não dá ainda. Fiquei meio agoniado. Mas falei não para muitos clubes até que o São Paulo me ligou. A coisa estava muito ruim. Mas eu estava com uma coisa na cabeça. Fui na casa de um amigo e tinha um desses filósofos, um cara inteligente para caramba. E o cara



soltou essa perto de mim: “O cara subiu o Monte Everest não sei quantas vezes, já bateu tudo quanto é recorde. Por que o cara vai tentar de novo? Isso não é o certo. Não tem porque o cara tentar de novo e fracassar, entendeu?”. Então quando me ligaram não sabia o que fazer. E tenho muitos amigos aqui no São Paulo, conheço o clube mais do que qualquer um. A situação era muito ruim em todos os sentidos: disciplina, comprometimento... Tinha bons jogadores, mas ninguém queria saber de muita coisa. Fiquei com medo de sujar toda a minha história, a admiração que a torcida tem por mim. A gente sabe que futebol é assim: ele te dá, mas ele é ingrato às vezes. Não sabia o que fazer, mas eu sabia que se eu negasse ia sair na imprensa que eu tinha sido convidado, mas que tinha recusado. Eu sabia que ia vazar. A torcida gritava meu nome toda hora. E os dirigentes iam deixar vazar até para dar uma satisfação para a torcida. Fiquei numa situação complicada. Não tinha como falar não. Meus amigos me alertavam do perigo de cair com o time, mas eu não podia falar não. Aí eu voltei e dei a sorte. Não foi um título, mas foi quase como um título porque o prejuízo que ia ser, não só econômico, mas moral, de torcida... Ia ser o fim do mundo para nós cair para a segunda divisão. Seria o desastre do desastre. Mas eu tive coragem, acreditei, os caras me apoiaram e deu certo, mas não foi fácil não.

SPFC Inside: Foi a fase mais difícil sua no São Paulo?

Muricy Ramalho: Eu acho que foi. Não comia e nem dormia direito. O ambiente era muito ruim. As pessoas não tinham nenhum comprometimento com o clube. O São Paulo estava meio que largado de um jeito que eu nunca tinha visto. E eu posso te responder: se não viesse um cara como eu, não tinha jeito. Por quê? Porque eu conheço o lugar, sei onde vou apertar, onde vou pedir ajuda, sei o que vou fazer para melhorar. Deu certo, mas foi uma coisa absurda, um desgaste enorme. Só pensava nisso dia e noite. E com o Rogério Ceni era a mesma coisa. “Depois de tudo o que fizemos por esse clube, a gente vai para a segunda divisão?”. A gente só pensava nisso. A nossa vida era só pensar nisso. Graças a Deus, salvou.





SPFC Inside: Tudo mudou completamente, teu contrato vai até 2015. É possível ganhar alguma coisa até lá?

Muricy Ramalho: Tem que ganhar alguma coisa ou pelos menos voltar para a Libertadores porque as pessoas têm que entender que existe um processo. E esse processo a gente foi desde lá de trás. Fomos mudando todas as coisas, ou seja, mudando pessoas, mudando mentalidade, que não é fácil, limpando a área mesmo. Fomos agregando gente nova com cabeça diferente. Antes de contratar as pessoas, a gente procurou saber quem eram os caras, as intenções deles com o São Paulo, mostrar pra eles que aqui eles tinham que ser diferentes, se comprometer mesmo, mudar radicalmente o que as pessoas estavam pensando aqui. E é difícil demais isso porque você precisa convencer muita gente, entendeu? Muita coisa aconteceu através dos meus gestos e das pessoas que agregamos. Hoje a gente está com um grupo muito bom, de bons jogadores, mas de pessoas boas, entendeu? Acabamos de trazer o Kaká. Apesar do pouco tempo que vai ficar com a gente, agregou demais. A gente tem que saber disso. Não adianta só contratar o bom jogador e o cara vem aqui, ganha um bom salário e mais nada. Não! O cara tem que vir aqui, gostar do lugar e deixar alguma coisa a mais aqui. A gente está com um pessoal muito acima. Então, claro que a gente vai brigar por títulos, mas tem que ser pouco a pouco. Se perdeu muito tempo no ano passado. Então a gente está tentando recuperar, a gente está conseguindo e, se Deus quiser, a gente vai conseguir títulos também.

Atlético-PR x SPFC



Figueirense x SPFC





SÃO PAULO

MANIA

A REDE DE LOJAS OFICIAIS DO SÃO PAULO FC

SEJA UM FRANQUEADO!



SPFC x Atlético-MG



SPFC x Criciúma





INVISTA NO
Relacionamento

DA SUA EMPRESA COM
CLIENTES E COLABORADORES

UN**Y**CO

Camaretes Corporativos

NOS PRINCIPAIS ESTÁDIOS BRASILEIROS

UnYco.com.br (11) 3078-2211

Careca

Antonio de Oliveira Filho

Por Michael Serra



Centroavante

Nascimento: 5/10/1960
Araraquara (SP)

Clubes profissionais

1978–1982	Guarani
1983–1987	São Paulo
1987–1993	Nápoli
1994–1997	Kashiwa Reysol
1997	Santos
1999	São José-RS

Tornou-se conhecido no Guarani, em 78, pelo título de campeão brasileiro e uma atuação de destaque na final, frente ao Palmeiras. Quando foi contratado pelo São Paulo estava em baixa, passando por um período tão ruim que para muitos não tinha retorno. Foi um difícil começo por aqui, principalmente pelo peso de substituir Serginho Chulapa. No Brasileiro de 83, por exemplo, Careca chegou a desperdiçar dois pênaltis contra o goleiro Remi, do Grêmio, em um mesmo jogo. Contudo, o centroavante não desistiu e logo começou a conquistar seu espaço dentro do clube. Foi importantíssimo nas conquistas dos títulos paulistas de 85 e 87, e do brasileiro de 86. Neste último, aliás, marcou um gol inesquecível na final contra o Guarani, empatando o jogo no último segundo da prorrogação. Jogou na seleção brasileira nas Copas de 86 e 90. Foi também campeão italiano pelo Napoli, formando dupla com o argentino Diego Maradona. No final da carreira atuou, também com destaque, no Japão.

12 gols marcados em **31** clássicos disputados

4º maior artilheiro do clube no Campeonato Brasileiro (**54 gols**)

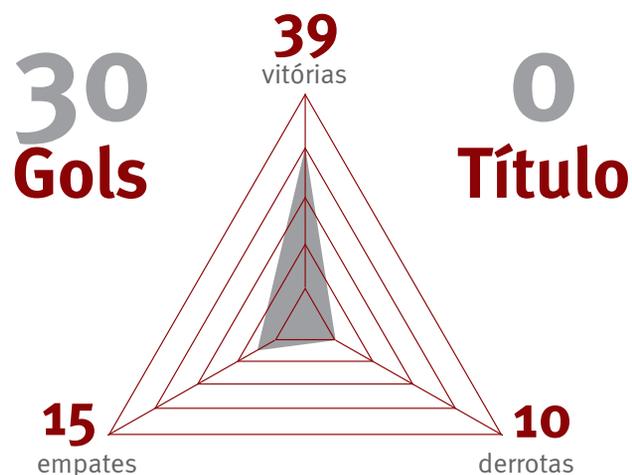
6º maior artilheiro do Morumbi (**69 gols**)



Estreia: 21/3/1982 – Brasil 1 x 0 Alemanha Ocidental, Maracanã (Amistoso)

Último jogo: 1º/8/1993 – Brasil 5 x 1 Venezuela, Pueblo Nuevo de Táchira (Eliminatórias da Copa)

64 Jogos
pela Seleção Brasileira
(57 como titular)

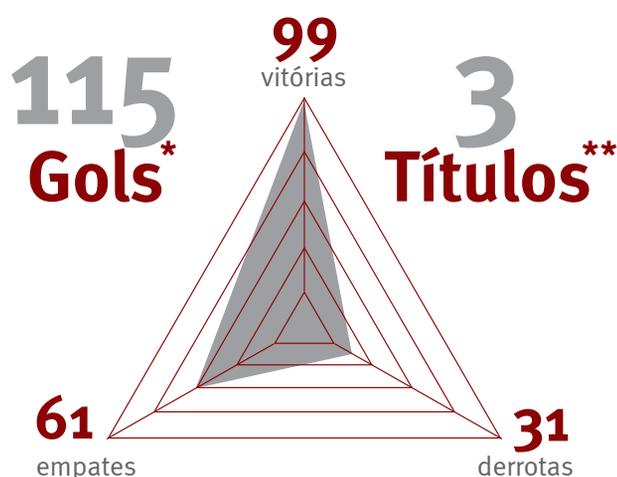


Premiações: Chuteira de Prata da Copa do Mundo em 1986

Em Copas do Mundo (1986, como jogador do São Paulo FC, e 1990): 9 jogos, 7 vitórias, 1 empate, 1 derrota, 7 gols

Desempenho na Seleção Brasileira enquanto jogador do São Paulo: 29 jogos (24 como titular), 16 vitórias, 9 empates, 4 derrotas e 16 gols

191 Jogos
pelo São Paulo FC
(185 como titular)



Estreia: 30/1/1983 – São Paulo 4 x 0 América-RN, Morumbi (Campeonato Brasileiro)

Último jogo: 16/6/1987 – Cobreloa 3 x 1 São Paulo, Municipal de Calama (Copa Libertadores da América)



Artilharias: Goleador máximo do Campeonato Paulista de 1985 (23 gols) e do Campeonato Brasileiro de 1986 (25 gols)

Premiações: Bola de Ouro do Campeonato Brasileiro em 1986, Bola de Prata do Campeonato Brasileiro em 1985 (atacante) e 1986 (artilheiro e atacante), jogador ideal no time da América do Jornal El País em 1986 (atacante)

*14º maior artilheiro da história do clube

**Campeão Paulista de 1985 e 1987, Campeão Brasileiro de 1986

Jogos importantes ou memoráveis pelo Tricolor



2/6/1983 – New York Cosmos 2 x 3 São Paulo, amistoso

3 gols de Careca.

O atacante ainda não havia conquistado a confiança da torcida e esses três gols no grande time de Beckenbauer, Neeskens, Romerito e Chinaglia, lhe motivou e o ajudou a conquistar o respeito dos torcedores. Feito que marcou sua arrancada.



20/11/1986 – São Paulo 5 x o Botafogo, Campeonato Brasileiro

3 gols de Careca.

Grande partida do artilheiro que naquele ano de 1986 se mostraria ainda mais decisivo nas partidas finais da competição.

18/2/1987 e 22/2/1987 – São Paulo 1 x o América-RJ e América-RJ 1 x 1 São Paulo, Campeonato Brasileiro

Semifinal da competição, dois jogos difíceis e pegados, e o atacante marcou os dois gols do time, classificando-o para a final.



25/2/1987 – São Paulo 3 x 3 Guarani (4x3 pênaltis), Campeonato Brasileiro de 1986

No Brinco de Ouro. Prorrogação, o São Paulo perdendo, faltando dois minutos para o fim... Chutão de Wagner da defesa para o ataque, cabeceio de Pita, a bola sobra para Careca, que avança e bate pro gol quase sem ângulo, a bola entra com força, estufando a rede.

Gol que levou a decisão para os pênaltis. Curiosamente, nessa etapa, Careca perdeu um pênalti (o goleiro defendeu).

spfc

i n s i d e

A revista oficial do São Paulo Futebol Clube



- Entrevistas exclusivas
- Bastidores do clube
- Perfil de ilustres torcedores
- O estilo tricolor de vida
- Craques que fizeram história
- E muito mais

Além desta versão impressa, a SPFC Inside também está disponível, gratuitamente, em versão digital para Tablets, Smartphones e Computadores, trazendo todo seu conteúdo de forma interativa e dinâmica, com vídeos, áudios e muitas fotos adicionais.

Baixe nosso aplicativo na Apple Store e Google Play. Você também pode fazer uma assinatura a preços promocionais para receber todas as edições em sua casa ou então pode adquirir exemplares avulsos (enquanto houver estoque disponível).

ACESSE NOSSO SITE - www.spfcinside.com.br e confira todas as formas de formas de pagamento.

CURTA NOSSA PÁGINA NO FACEBOOK - <https://www.facebook.com/spfcinside>

SPFC INSIDE – O UNIVERSO TRICOLOR COM MUITO ESTILO.





SÓCIO TORCEDOR, APROVEITE TODOS OS BENEFÍCIOS QUE VOCÊ JÁ TEM NO MOVIMENTO POR UM FUTEBOL MELHOR.

SÃO **CENTENAS DE PRODUTOS** COM DESCONTO TODOS OS DIAS
NOS SUPERMERCADOS PARTICIPANTES DE TODO O BRASIL.



CONFIRA OUTROS BENEFÍCIOS:



SAIBA MAIS E CONFIRA TODAS AS REDES PARTICIPANTES EM WWW.FUTEBOLMELHOR.COM.BR